

QUINTO ENCONTRO

(30.04.93)

*H*oje é a nossa última reunião. E isso me deixa um pouco triste. Conforme previsto no programa, dedicaremos a primeira parte da reunião à exposição de uma pesquisa local. Sonia Pelegrini vai expor brevemente o trabalho que faz e todos o poderemos discutir.

Na segunda parte, tentarei rapidamente concluir esse conjunto de aulas que hoje se encerra. Passo a palavra a Sonia.

Sonia:

Boa noite. Superada a inibição inicial, e tendo de lidar com a dificuldade do idioma, creio que conseguimos nos sair muito bem. Retorno desse encontro, em nome dos colegas de mestrado, bastante fortalecida no direcionamento de meu trabalho. Peço desculpas por eventuais omissões, equívocos, inclusive a nível teórico, e desejo a intervenção do Professor Lourau, Heliana e demais participantes desse auditório, porque esse é um trabalho em construção. Estamos aprendendo a trabalhar com a pesquisa na instituição, pois é por onde nós, psicólogos do município

do Rio de Janeiro, temos transitado ao longo desses vinte anos de prática.

Gostaria de fazer um ligeiro histórico. Ontem, em meu relato, destaquei o contexto da pesquisa, e o professor observou estar amplo demais. Tive dificuldades em perceber que mal passara um recorte da pesquisa, dada minha ansiedade. Hoje pudemos discutir melhor as questões específicas do trabalho.

Ontem, falei do contexto; hoje, tento dar conta daquilo que imagino possa ser o texto. O que vem apontar para o instituído. Esse texto foi construído num encontro com educadores, para um novo passo institucional na instituição educativa.

Nossa pesquisa-ação vem perseguir a produção de um intertexto nos espaços de intervenção - o que entendemos por transversalidade.

(Gestos de incompreensão e murmúrios contínuos percorrem o auditório. A mesa se entreolha, e percebe-se a necessidade de esclarecimentos ao público presente).

Coordenadora:

Deixe-me explicar; há pessoas que não estão entendendo. A Sonia teve dois contatos com o professor René Lourau, ontem e hoje, e expôs o seu projeto de pesquisa no mestrado de Psicologia e Práticas Sócio-Culturais. Então, ela fará a vocês um relato similar ao que fez a ele; ou seja, um pouco do "texto" e do "contexto" de sua investigação, e depois discutiremos, a partir de um referencial de pesquisa institucional, produzindo contribuições e comentários à pesquisa.

Sonia:

O que está instituído? Enquanto psicólogos, a tendência a denominar uma relação social como nível intersubjetivo, des-

conhecendo a dialética entre aquele que ensina e aquele que aprende.

Essa ação, com grupos de educadores do município do Rio de Janeiro, trabalha no sentido de buscar a emergência de forças instituintes, dentre estas, uma outra forma de pensar as relações de poder entre alunos e professores. Isso faz parte, a meu ver, de uma proposta de democratização das relações de saber na escola. Nossa pesquisa busca interrogar no grupo, através de encontros de discussão da prática pedagógica, quais instituições estão em jogo na dialética instituinte/instituído quando se trabalha com uma categoria denominada alunos-com-dificuldade-de-aprendizagem.

Tomamos, como sujeito da nossa pesquisa atual, professores alfabetizadores. A pesquisa surgiu da necessidade de ver, na escola, as contradições levantadas a partir de dados colhidos no decorrer de um projeto da Secretaria Municipal de Educação em 1992. Este buscava sinalizar as contradições da instituição educativa, apontando falhas no sistema oficial e delegando ao professor a responsabilidade máxima pelo resgate do aluno. O recorte de nossa pesquisa vem privilegiar, então, o grupo de professores trabalhado através desse projeto.

Aqui, acho que deveria falar um pouco de como foi a minha entrada no projeto. Surgiu, por parte de um grupo de professores - responsáveis pela alfabetização de crianças com mais de dez anos de idade e, ainda, na primeira série -, a encomenda de encontros semanais com um elemento da Psicologia. Esses professores já se reuniam e coordenavam um grupo semanal de reflexão sobre as questões relativas à Educação. O projeto pertencia à Secretaria Municipal de Educação, vigiria apenas no ano de 1992, e contava com a colaboração de profissionais da UNI-RIO na con-

fecção de documentos teóricos. O objetivo era analisar a dificuldade de alfabetizar "alunos-problema". A proposta foi, a princípio, trabalhar temas como agressividade, sexualidade, e textos construtivistas (Piaget, Emília Ferreiro) e sócio-interacionistas (Vigotski).

Desenvolvi, enquanto psicóloga de uma equipe inter-profissional de um DEC (Distrito Educacional de Cultura), discussões sobre a qualidade da escola pública com a representatividade dos diversos grupos que compõem a instituição: pais, alunos, funcionários, professores, direção ... Todas as questões giravam em torno da temática cidadania e gestão democrática na escola pública. Os eixos de discussão eram propostos pela Secretaria Municipal de Educação. O DEC é o intermediário entre o nível de onde emanam todas as propostas educacionais e as escolas.

Esse processo foi iniciado em maio do ano passado. Houve uma semana de alfabetização capitaneada pelo DEC em junho, com várias propostas de trabalho incluindo oficinas da palavra, de produção de texto infantil, de arte, expressão, etc ... Com a emergência de conselhos de classe dando aprovação a um grande número de crianças do projeto, este foi oficialmente concluído em dezembro.

A avaliação de desempenho do aluno se constituiu em analisador da relação professor-aluno. Levantamos questões sobre o imaginário escolar a partir do grupo de professores e de suas crenças quanto ao processo de desenvolvimento do aluno. Em vários casos, a representação social acerca dos alunos incluía "falta de prontidão", "maturidade", "falta de estimulação ambiental" ... Pensava em construir com esses professores e alunos um novo projeto e ter uma permanência mais sistemática ao longo de 1993. No entanto, a Secretaria Municipal congelou a proposta do ano

passado e não nos permitiu dar continuidade, esse ano, a uma proposta de bloco único em alfabetização.

A minha pesquisa é uma tentativa de proceder a uma reflexão crítica sobre a produção do saber, a partir de um projeto deflagrado pelo sistema oficial, tentando investigar como se produz o pensamento de professores e alunos das classes estigmatizadas de alfabetização da rede pública.

Creio ser um dado relevante, na análise de minhas implicações, o fato de eu ter vindo de um percurso na área de educação - como ex-professora primária e alfabetizadora. Os dados contratransferenciais estão, é claro, permanentemente em jogo nessa investigação sobre o saber-poder.

E esse percurso me remete ao imaginário do professor e à sua figura, com questionamentos múltiplos: como a escola pensa a produção do fracasso escolar? A partir de quais indicadores a escola pensa os sujeitos desse fracasso? Esses sujeitos-educadores, alfabetizadores, produzem um pensar na escola e são produzidos por ela; como, então, se auto-representam? Como trabalhar o dado subjetivo da relação professor/aluno independentemente das condições concretas? Essas e muitas outras perguntas ecoam em minha mente e tento passá-las para o papel, para o grupo, para vocês ... Para que possamos avançar na construção de uma escola democrática. Obrigada.

Lourau: É importante agradecer a Sonia essa restituição. Restituição que não é obrigatória do ponto de vista da instituição universitária.

Se tiverem perguntas, é importante fazê-las.
Talvez uma pergunta bastante geral
pudesse suscitar perguntas particulares. Será

que compreendemos, realmente, o que Sonia faz em sua pesquisa? (Faz-se um imenso silêncio. Aguarda-se qualquer mínima resposta, e nada.) Imagino que todos compreenderam bastante; isto é perfeito!...

Coordenadora:

Eu não compreendi. Sonia, parece-me claro o seu objetivo, mas o que é efetivamente realizado como trabalho cotidiano, isto não ficou muito claro para mim.

Sonia:

Penso que o meu trabalho como psicóloga vem referendado nessa busca de transformação nos espaços instituídos da escola pública. Por isso, venho trabalhando através da análise de discurso, da produção de encontros grupais que afirmem estratégias para um coletivo-sujeito, utilizando um referencial teórico múltiplo (até, eminentemente não psi) e acreditando na possibilidade da transformação.

Trabalhar a nível institucional requer uma certa onipotência e, quando não conseguimos voltar no dia seguinte, é muito duro. Isso é um depoimento muito pessoal. Mas afirmar a possibilidade de os atores da cena institucional-escolar refletirem sobre a sua ação pedagógica, as relações poder/saber instituídas no cotidiano da sala de aula, do DEC, junto à comunidade é também necessário. Acredito que, trabalhando com as representatividades, sempre tentando afirmar diferentes saberes, a gente consiga ter uma ação político-pedagógica que aponte para uma democratização das relações Sociedade-Escola. Não sei se respondi a contento, mas é isso aí.

Concretamente, havia encontros com professores semanalmente. Dois professores alfabetizadores coordenavam o grupo comigo e a orientação teórica provinha da análise de documentos emanados da UNI-RIO.

Esse grupo de professores iniciou seus contatos comigo, muitíssimo contido, com expectativas de psicologização (coisas como: desenvolvimento psicológico infantil, agressividade, sexualidade ...). Mas essa relação foi se transformando e começamos a construir a nova sob o signo do lúdico, do prazer. O grupo levava violão, trazia convidados, aprendia outras práticas ... Um dia, contactou-se um artesão popular, do viaduto do Méier, e esse elemento semialfabetizado, por uma tarde, foi o professor do grupo de professores utilizando as mesmíssimas técnicas de disciplinarização. Ele pegava garrafas de refrigerante e fazia esses automóveis que vemos na via pública; pelo Natal, construía árvores. E todos quietinhos, comportados, acompanhavam seus movimentos. Foram quatro horas para montar um carro. O registro das expressões dos professores é algo indescritível: estavam contritos e viviam, no lugar de alunos, a situação de sala de aula. E obedeciam.

Esse grupo foi fazendo um novo percurso. Um dia, um levava o violão: no outro, recitava-se Cecília Meirelles ... Dramatizando as cenas da sala de aula conseguimos construir um outro cotidiano que, acho, muitos de nós não acreditavam ser possível para esses professores.

Analisávamos também cartas de alunos aos professores. Cito, particularmente, em meu trabalho de mestrado, a de uma aluna que insistentemente pergunta à tia se vai passar de ano.

"Tia, eu acho que eu vou passar de ano, mas eu tenho um sonho, esse sonho é não repetir o ano. Ô Tia, eu queria tanto passar de ano. Porque se eu não passar de ano (isso aparece "n"

vezes) eu vou para o colégio interno. Ô Tia, como eu não queria ir para o colégio interno".

Comentei com o grupo, em nosso encontro, que algumas dessas produções seriam levadas para uma disciplina junto à professora Circe, onde tentaríamos fazer uma análise da escola via produção poética desses alunos que, segundo o preconceito geral, nada têm a acrescentar ao universo da instituição educativa. Depois, retornei ao grupo aquilo que foi comentado na cadeira da professora Circe. Bem, é isso ...

Coordenadora:

Há algumas perguntas. Talvez fosse bom ler a pergunta, passá-la a Tereza Cristina e, enquanto a Sonia fala, fazer uma tradução simultânea para ele. Há inclusive duas que, talvez, possamos juntar.

Pergunta: Não poderia ser visto como manifestação de subjetividade e ação instituinte desses sujeitos - os alunos fracassados - o seu próprio fracasso enquanto analisador da contradição do sistema educacional vigente? Caso afirmativo, há a preocupação de restituição a esses alunos?

Pergunta: Por que, na escola pública, o psicólogo do estado é chamado a intervir nessa situação específica que nos foi exposta?

Coordenadora:

Uma pergunta se refere ao próprio fracasso escolar enquanto analisador das contradições; a outra, deseja saber o porquê de

ser o psicólogo chamado para intervir em situações aparentemente não-clínicas. (A coordenadora jocosamente reafirma a interrogação, manifestando uma maliciosa surpresa.) Ele é chamado?! Por que ele é chamado?! (Risos da platéia).

Sonia:

Mais uma vez, vou tentar. Essa produção do fracasso escolar é alguma coisa eternizada pela instituição educativa. Não apareceu agora, depois que os psicólogos passaram a atuar; sempre aconteceu.

Desde a década de 30, essa questão é muito complicada. O aluno chamado de "fracasso escolar" - fenômeno estudado por Maria Helena Souza Patto, Magda Beck... - pode ser visto como "resistente" à aprendizagem e servir, sem sombra de dúvida, como analisador (inclusive, instituinte) da prática pedagógica vigente.

Agora, por que o psicólogo do estado é chamado a intervir, é uma questão que necessitaria de análises exaustivas. Falei que sou ex-professora primária, porém, devido mais à minha formação psi, fui aproveitada pelo sistema. Essa é a verdade.

A partir de 1979, existe um outro grupo de psicólogos entrando concursado para o serviço público; mas, isso já é uma outra história.

Lourau: Gostaria de falar alguma coisa sobre a primeira questão, a do fracasso escolar. Pergunto-me se a sociologia ou a psicologia da educação não sofrem de falta de imaginação quando estudam problemas vinculados a essa temática. Concordo em destinar o fracasso ao próprio sistema, mas não vejo em que isso possa fazer avançar a pesquisa e, sobretudo, a ação. Isso é uma lógica,

um pouco cansada, da oposição entre o universal e o particular, da qual falamos ontem.

Penso que devemos avançar um pouco mais na análise dos "fracassos" escolares. A criança considerada "normal" tem mais, ou menos, sucesso na escola, sempre existindo um grau de fracasso relativo que não coloca em perigo o seu futuro. Por que? Porque a criança e sua família internalizam, um mínimo que seja, as normas necessárias à instituição da Educação. Isso não tem qualquer relação com a capacidade vinculada à teoria de Piaget ou a demais teorias. Piaget nada tem a ver com o problema. Poderíamos dizer-lhe: SAIA!

Tomemos o caso da população estudada por Sonia. Contrariando, provavelmente, as expectativas de muitos sobre as razões econômico-familiares para o "fracasso" - ou mesmo a alegada oferta pequena de escolas, em diversos países -, vemos que a proporção de crianças iletradas, atualmente, é assustadoramente grande em inúmeros cantos do mundo (inclusive Paris - onde todas as crianças vão à escola e existe a fantasia da erradicação, efetivada, do analfabetismo por essa via - e demais cidades francesas). Esse fenômeno, tratado como uma espécie de "patologia" (individual ou social), atinge uma variedade enorme de crianças que estão sendo normalmente escolarizadas. Quem sabe, a questão não esteja no advérbio, **NORMALMENTE**.

Se destituirmos tal fenômeno das categorias de fracasso e de sucesso, talvez encontremos nos "alunos-fracassados" uma **ausência de vínculos transferenciais para com a instituição educativa**. É importante estudarmos as condições dos vínculos entre crianças, pais e escola, e evitar, o melhor possível, a infértil oposição entre conjunto familiar e sistema, ambos vistos como mera abstração.

Uma noção que propõe um interessante caminho à análise dessa problemática é a de desafiliação. A impossibilidade de ter um mínimo de filiação com a instituição educativa, investindo-a afetiva mente e crendo em seu caráter necessário, não tem qualquer vinculação físico-mental (inteligência retardada ou distúrbios psicomotores, por exemplo) ou sócio-econômica. Existem graus diferentes de penetração e difusão dos saberes escolares por regiões e camadas sociais, é inegável. Mas, mesmo assim, muitas pessoas oriundas de espaços onde a difusão não-uniforme dos saberes oficiais é severa, aprendem a interiorizar, perfeitamente, os valores e crenças veiculados pelo estabelecimento escolar. Creio que deveríamos esmiuçar a questão da identificação, ou falta de, em relação à instituição educativa, tendo sempre em mente o colocar em xeque a universalidade positiva dessa instituição. Se essa um dia existiu, não existe mais.

Pergunta: *Os alunos fracassados, enquanto analisador, revelam os furos do sistema educacional ou desvelam a eficácia de uma prática de retenção, enclausuramento, vigilância e controle dessa população de alunos?*

Sonia:

Acho perfeita essa análise. Gostaria de retomar a outra questão, já que com esta não há qualquer discordância de minha parte. "Por que, na escola pública, o psicólogo do estado é chamado a intervir nessa situação específica que nos foi exposta?"

A inserção do psicólogo no sistema oficial de ensino é produto de uma demanda que não é produzida somente dentro da escola pública. No entanto, é necessário acrescentar que os cursos

de formação de professores estimulam, e muito, uma visão psicologizante dos problemas da Educação. Não raro, os alfabetizadores compreendem a não-alfabetização como uma questão de saúde e loucura (saúde x doença). A fantasia vigente é a de que a saúde mental dessas crianças não permite a alfabetização. E saúde mental é uma questão psi. Compete aos psicólogos desconstruírem essa e muitas outras imagens (inclusive as relativas às "divisões" escolar, clínico, industrial).

Pergunta: *Gostaria de saber, tanto da pesquisadora quanto do professor Lourau, qual a avaliação sobre o instituído da aprovação automática no primeiro grau das escolas públicas, suas implicações sócio-políticas e seu possível comprometimento com a perpetuação de uma situação de alienação social?*

Sonia:

Apesar da aprovação automática ser uma experiência já tentada, em São Paulo, com efeitos ainda duvidosos e estarmos em um ano eleitoral por excelência - o que põe em dúvida qualquer proposta repentina -, creio que é cedo para responder afirmativa ou negativamente a essa pergunta.

Lourau: Gostaria de fazer algumas observações sobre o funcionamento que estamos vivendo agora, no presente momento.

Em outras ocasiões, já tive oportunidade de fazer essas mesmas observações sobre um fenômeno que não é particular aos estudantes brasileiros e que sempre me surpreende com meus estudantes em Paris. É enfurecedor, visto que ainda não o consegui analisar.

Quando o objeto de trabalho refere-se aos conceitos da socioanálise recebo questões sobre Gramsci ou alienação. Sonia tenta, corajosamente, falar de seu trabalho como pesquisadora, e vocês a consideram como uma jornalista ou especialista em problemas de educação, e tratam destes com o distanciamento **mediático** cotidiano, objetivando Sonia como origem das informações, sem qualquer interesse pelo trabalho que, enquanto pesquisadora, realiza. Contudo, existem raríssimas ocasiões para apreender concretamente o que é uma pesquisa, enquanto debates gerais sobre o sistema de educação, ou a sociedade, existem milhares.

Parece-me muito mais do que uma simples "resistência"; é um desvio nos dispositivos. Análoga à cena da censura burguesa relativa aos "pudores", parece que temos necessidade de desviar algumas emoções vinculadas ao processo "íntimo" da pesquisa. Diria que estes tomam uma espécie de cunho obscuro e, de repente, estamos conversando numa sala de visitas e desviamos a conversa, pois coisas muito "eróticas" ameaçam incidir sobre nossas cabeças. O modo de desvio mais comum parece ser o retorno à via bastante conhecida da universalidade, das idéias gerais.

Talvez o exibicionismo daquele que fala e o voyeurismo daquele que ouve tornem impudico, lascivo, o interesse por dados experienciais contidos em pesquisas. Talvez o ambiente de um anfiteatro não nos anime a formular questões ligadas à experiência concreta ... É realmente muito difícil analisar as razões desse aparente "desinteresse". Se forem "recatos", me desculpem, mas pretendo assumir o voyeurismo que acabei de invocar. Sinto, apenas, falta de outros "perversos", outros *voyeurs*, entre nós.

Uma restituição da pesquisa pode responder a certo número de questões bastante simples, mas imprescindíveis à compreensão da mesma e do ato de pesquisar.

As perguntas podem ser: "Qual a sua bibliografia? Tem problemas para ir a bibliotecas especializadas? Deseja uma autorização para ir à Biblioteca Nacional? Quer ir a minha casa tomar emprestado aquele livro esgotado? Como pensa reunir a documentação necessária? Tem intenção de fazer entrevistas? Em função da população, qual tipo pretende: semi-diretivas ou diretivas; individuais ou grupais? Com quem você pensa fazê-las? Qual o momento delas em sua pesquisa? Se as entrevistas já ocorreram, como foi escolhida a população? Quantas pessoas aceitaram participar e quantas se recusaram a ser entrevistadas? Onde aconteceram as entrevistas: no estabelecimento pesquisado ou fora deste? Quantos dias levou o trabalho de campo? Quais as dificuldades para realizá-lo? E uma coisa que freqüentemente acontece: por que foi impossível fazer entrevistas num determinado campo? Sua investigação trouxe problemas às pessoas no que tange a seus próprios horários e obrigações? Se utilizou a observação participante, como a fez?" Tomando o exemplo de Sonia: Sonia, por que você não fez observação participante? Isso se deveu a obstáculos externos ou você a considerava como uma técnica pouco eficaz quanto a seus objetivos? Se a resposta referir-se à primeira parte de nossa pergunta, então continuamos o inquérito com: "Quais obstáculos? Eram incontornáveis? Foram considerados em sua análise?", etc. Se disser respeito à segunda, então: "Por que? Quais eram seus objetivos? Qual técnica foi valorizada para atingi-los? Por que?", etc ...

De um modo geral, centrar o "voyeurismo" sobre a efetivação de um dispositivo de estudo (ou seja, sobre as reais condições da pesquisa), nos permitirá sempre avaliar de uma maneira crítica os resultados obtidos. Poderíamos ficar nessa "produção-de-curiosidade-sobre-a-pesquisa-alheia" por horas; no entanto, a premência do tempo não nos permitirá isso.

Antes de concluir, gostaria de dizer algumas palavras sobre pesquisas que estão acontecendo, no doutorado em Ciências da Educação, em Paris VIII. Foi nesta universidade que a Análise Institucional primeiro se institucionalizou. Depois, outras também incorporaram essa corrente aos saberes já oficializados.

Entre os institucionalistas de Paris VIII existem direções variadas de pesquisa, mesmo se a metodologia é comum. Alguns se interessam pela institucionalização das ciências sociais aplicando, por exemplo, a Análise Institucional à história das ciências, em especial à constituição da Sociologia. Acerca disso, quero enfatizar que a maioria dos pesquisadores de Paris VIII tem uma formação sociológica - característica diversa da observada na América Latina, e particularmente no Brasil, quanto aos praticantes da Análise Institucional. É claro que existem psicólogos e psicanalistas na Análise Institucional francesa, porém, estes estão junto aos sociólogos, basicamente como esposas e companheiras interessadas em pesquisa. Há muito refletimos sobre essa característica de nossa corrente. Reproduzimos, sem dúvida, uma divisão do trabalho entre Sociologia (possuidora de um caráter masculino) e Psicologia (feminino). Isso é bizarro!

As pesquisadoras têm formado, atualmente, um grupo de pesquisa sobre a primeira infância e as novas técnicas de procriação. Trabalham neste, além dos psis, médicos e biólogos (inclusive um dos inventores do bebê de proveta).

Um outro grupo, formado por pesquisadores que praticam regularmente a Análise Institucional em uma central nuclear francesa, se interessa pelo aspecto técnico da Socioanálise.

Na periferia de nosso grupo, o "grupo-laboratório", se o podemos chamar assim, inclui pessoas como René Barbier e se interessa, sobretudo, pelo problema do imaginário social. Há tam-

bém, próximo a nós, um pesquisador especialmente interessado pela multi-referencialidade e que tem influído muito na formação de doutores em Ciências da Educação.

Colaboramos, ainda, com um grupo de etnólogos que se interrogam sobre o texto etnológico. É uma pesquisa bem conceituada, tanto nos Estados Unidos quanto na França, e se refere à técnica do diário de pesquisa como instrumento de questionamento à instituição científica, após a descolonização.

Então, como vêem, não nos restringimos só a questões específicas da Sociologia ou da Educação, mas nos vinculamos a problemáticas que existem no campo mais amplo das ciências humanas e sociais.

No momento, particularmente, tenho centralizado meus interesses sobre a imaginação socioanalítica e espero escrever, em breve, um livro com esse título. Poderemos pô-lo ao lado destes que escrevi à lousa: o livro de Jay sobre a imaginação dialética - na realidade, sobre a Escola de Frankfurt (Adorno, Horckheimer etc) -; e do sociólogo americano Mills, já traduzido em português, sobre a imaginação sociológica e, nas ciências exatas, o de Holton sobre a imaginação científica⁸.

Por que tanta publicidade sobre a imaginação? Isso, de minha parte, é uma tentativa para opor forças à tendência - existente também em nossa corrente - de considerar a Análise Institucional uma teoria que se aplica sobre uma realidade ou campo. Considere essa premissa falsa, mesmo para as demais disciplinas (ou ciên-

⁸ JAY, M. **The dialectical imagination**. Londres. Heinemann. 1973; MILLS, c. W **The sociological imagination**. Londres, Oxford University Press, 1970; HOLTON, G. **L'imagination scientifique**. Paris, Gallimard, 1981

cias). Não devíamos apreender a teoria como aprendemos catecismo. A pesquisa é uma criação permanente: consiste em interrogar conceitos, criticá-los e nunca meramente aplicar nossa teoria, de um modo meio mágico, fazendo uma espécie de encantação através da repetição mecânica das mesmas palavras. Pode dar certo no universo da fé, mas a pesquisa necessita de dúvidas e não de certezas prévias.

Já mencionei que não é o fato de dizermos **instituição, instituição, instituição** ... que nos faz produzir, ou não, uma análise institucional. Podemos fazê-la, sem jamais usar o termo instituição. Então, a criatividade (imaginação), como atitude face à pesquisa, é ainda o melhor método. No que se refere aos demais métodos, aos já prontos, creio que devemos sempre desconfiar. Um sociólogo afirmou certa vez que o método era, antes de tudo, uma força social destinada a manter a coesão em um grupo. Se nos contentamos em aplicá-lo simplesmente, bem rápido a teoria por trás do método torna-se um cadáver.

Há pouco, falei de perguntas sobre o "caminho" de nossas pesquisas. No entanto, devemos também prestar atenção à formulação dos objetivos da mesma. Muitas vezes, o pesquisador tem dificuldades em dizer o que realmente faz, e prefere falar sobre o que tem intenção de fazer; ou seja, sobre os seus "objetivos gerais". Os "objetivos gerais" de uma pesquisa não nos ensinam nada sobre a pesquisa. Trata-se de "boas intenções" expressas em "vocabulário científico". Quando muito, o pesquisador constrói um tipo de explanação que tem por intuito eliminar os aspectos contraditórios de sua investigação, dando uma imagem completamente falsificada ao processo.

Concordo com o grande místico árabe do século XIX, quando escreveu: "Aquilo que procuramos nunca está no lugar onde o

procuramos". Seu contexto era a pesquisa mística, mas tal pensamento pode, e deve, ser aplicado a toda e qualquer espécie de pesquisa. Recorrendo, ainda, a um outro exemplo - o do navegador que, acreditando estar descobrindo o Japão ou a China, descobriu a América -, eu diria que em toda pesquisa há uma "síndrome de Cristóvão Colombo".

Pensando em quantas vezes essa "síndrome" acontece, formulei uma teoria dos atos falhos da pesquisa⁹. Mais precisamente até, da pesquisa como uma contínua produção de atos falhos. É sobre isso meu próximo livro, a ser lançado em breve, na França. Nele examino, entre outros, os casos de Freud e Comte¹⁰.

E vamos sempre terminar falando da implicação ... O que encontrei sem procurar - fazendo parte de meus atos falhos -, há dez anos, foi a inseparabilidade entre nossas implicações enquanto pesquisadores e a institucionalização da pesquisa.

A pesquisa, é óbvio, participa da institucionalização de uma certa ordem social, mas sendo a institucionalização um processo - e não mera reprodução mecânica - existem, ou coexistem nele, inúmeras estratégias que o "moldam" nesta ou naquela direção. E aí encontramos as nossas implicações-enquanto-pesquisadores. Não somos objetos no interior de um modelo puramente abstrato, mas homens (e livres!). É por esse motivo que a análise das implicações tem, acredito, um conteúdo muito rico e se situa, claramente, no terceiro momento da dialética, sobre a qual falei ontem.

Mesmo arriscando passar por dogmático, me parece que o

⁹ LOURAU, R. *Les lapsus des intellectuels*. Toulouse, Privat, 1981.

¹⁰ LOURAU, R. *Actes manqués de la recherche*. Paris, PUF, 1994.

conceito de implicação não é um simples sinônimo de conceitos preexistentes em Psicologia ou ciência política; caso o fosse, seria relativamente inútil utilizá-lo numa teoria institucional, principalmente sem indicar sua origem teórico-social.

Fora esse adendo sobre o conceito de implicação, gostaria de salientar que, acreditando na autocriação permanente, tanto do social quanto das teorias sobre este, a experiência de nossa imaginação, em referência ao pesquisar, faz (ou não) surgir a urgência - a necessidade - de certos conceitos, e não o inverso.

As críticas à multi-referencialidade da Análise Institucional podem ser também tomadas como sinal de que tentamos, com muitas dificuldades, construir um novo campo de coerência. Espero que vocês possam nos ajudar hoje, e nos próximos anos ou decênios.

Obrigado por terem sido tão gentis comigo.

Coordenadora:

Em nome da Universidade, do Instituto de Psicologia, do Departamento de Psicologia Social e Institucional e, principalmente, dos que estiveram aqui durante esses dias, quero agradecer ao Professor René Lourau, e dizer a vocês, restituindo um pouco do processo, que ele realmente teve muito trabalho essa semana, e foi muito gentil com as pessoas, tendo enorme delicadeza em atender a todos os pedidos. Estamos tentando fazer um convênio com Paris VIII e, se isso realmente acontecer, creio que teremos possibilidades de vê-lo aqui novamente para, talvez, fazer programações um pouco mais calmas, nas quais possamos sentar para conversar, tomar um vinho, ao invés de ficar todo o tempo correndo atrás dos trabalhos. Agradeço

a ele em nome de todos.

Lourau: Quero agradecer ao Departamento de Psicologia Social e Institucional que me convidou e, em particular, à Heliana Conde, que graças a esse dispositivo-convite, descobriu dons de empresária que todos ignoravam.